

Educação
017
Reportagem 0194**Educação**

A pesquisa encomendada pelo MEC aponta uma triste conclusão: os alunos de 1º grau não aprendem a ler nem a escrever.

Veio todos me abraçarem

Foi as incríveis férias

Se diverti-me

compleendido

inquietar

Os dois times
foi
desclassificado

nubrado de repente

deicha

Papai e mamãe chegou

Nós dois
se dávamos

Estudante de 1º grau: deficiências para toda a carreira escolar.

As crianças, estudando e aprendendo a errar.

Erros, palavras estranhas e frases incompreensíveis e absurdas. Essa é a realidade dos alunos de 1º grau das escolas brasileiras.

Os dados ainda são preliminares, mas já permitem uma certeza aos pesquisadores: o primeiro grau público vive um momento crítico em todo o País. Os alunos não estão aprendendo a ler e a escrever direito e os índices de evasão e repetência são altíssimos. Tudo isso leva a uma conclusão: deve-se investir mais no 1º grau — período da alfabetização e do aprendizado e domínio das técnicas básicas da aritmética —, pois é quando se originam todos os problemas encontrados no 2º grau, nos exames vestibulares e até na universidade.

Durante a pesquisa encomendada pelo Ministério da Educação (MEC), através do Inep-Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, os pesquisadores da Fundação Carlos Chagas percorreram nove Estados — Pará, Maranhão, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Sergipe, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Mato Grosso, São Paulo — mais Brasília, abrangendo 23 cidades, entre elas a capital de São Paulo, Ribeirão Preto e Marília. Foram ouvidos e avaliados quase dez mil alunos das 1ª, 3ª, 5ª e 7ª séries do 1º grau da rede estadual de ensino. As escolas foram escolhidas por intermédio da Secretarias de Educação de cada Estado, "porque são nestas séries que aparecem os piores problemas", conforme explica o pesquisador Heraldo Marelim Vianna, coordenador da pesquisa.

Ele confessa que ficou assustado com o que viu. Em algumas cidades do Rio Grande do Norte, por exemplo, a reprovação chega a 100%, a evasão a 60%. A pesquisa constatou, ainda, que em dois anos a criança, normalmente, não está alfabetizada. "Quando fomos aplicar provas para a 3ª série, eles pediram que lessemos as provas para eles", contou o pesquisador. O aluno chega à 3ª série sem domínio nenhum da aritmética, nas suas operações básicas de soma, subtração e, "se você pede para ele somar 32 mais 5, dá sempre 82", destaca Marelim, argumentando que esta deficiência perseguirá o aluno por toda sua vida escolar: "Ele terá problema com álgebra porque erra na divisão, porque não acerta na diminuição".

Além disso, são alunos com pouco ou nenhum domínio da língua. E que, segundo o pesquisador, vão carregar essa deficiência para todas as áreas curriculares e por toda sua escolaridade: "Os problemas que ele terá no vestibular são semelhantes aos que ele tem hoje no 1º grau" e revelam, de acordo com Marelim, a falta de domínio na sintaxe, na concordância verbal, na ortografia e na conjugação de verbos. "O garoto chega à 3ª série, por exemplo, sem saber usar o singular e o plural".

Palavras sem sentido

Ao aplicar as provas de Português aos alunos da 1ª série, os problemas encontrados foram muitos: as instruções nem sempre foram bem compreendidas, apesar de apresentadas oralmente pelos aplicadores, e, como consequência, resultavam em respostas erradas, quando não absurdas. Por estarem estritamente dentro do conteúdo curricular da 1ª série, alguns erros surpreenderam: a troca de letras, por exemplo — s por z, p por t, d por t, c por g etc. Houve casos extremos de alunos que, no final da 1ª série, não souberam escrever o próprio nome. A ordenação de sílabas para a formação de palavras também mostrou-se difícil para muitas crianças, que escreveram palavras sem sentido, tais como: **pocapi** (pipoca), **niname** (menina) e **micoda** (comida). Essas imprecisões revelaram, ainda, completa falta de atenção.

Algumas crianças simplesmente es-



Realidade brasileira: o...



...aproveitamento é baixo e...



...os professores despreparados.

No Sul, o melhor ensino do País.

Embora apresente falhas, os índices apresentados pelo Paraná estão acima da média nacional.

Um programa para conter a evasão de alunos e mudanças na própria política do professor e da escola. Esses são alguns dos ingredientes responsáveis pela situação privilegiada que o ensino paranaense ocupa em relação aos demais Estados: no item "Educação", Curitiba está 11 pontos acima da realidade brasileira. Esta foi a conclusão de uma pesquisa sobre nível de vida realizada pelo Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social, de 1980 a 83. E se este índice não está entre os melhores registrados na cidade — em alimentação, por exemplo, Curitiba está 53% acima da média nacional —, mostra uma faixa menos negra no quadro da Educação no Brasil.

Mas tanto a rede de ensino estadual quanto a municipal ainda não estão satisfeitas com estes resultados. O sistema de escola integral, em que o aluno permanece o dia inteiro e recebe três refeições por dia, vai ser ampliado até atingir todas as 101 escolas municipais de Curitiba. Esta é uma das metas expostas pela chefe da Divisão de Apoio Técnico Pedagógico, Berenice

Neves. Outra meta é elevar os índices de aproveitamento escolar.

No último estudo feito a respeito, em 1986, a secretaria de Educação constatou que em Curitiba de cada 100 alunos que ingressam na 1ª série, 64,9% chegam à 4ª série e apenas 27% concluem o primeiro grau. Embora esse seja, segundo a Secretaria, um dos melhores índices de aproveitamento do País, ainda representa um grau muito alto de repetência e evasão escolar. Como primeiro passo para reverter o fracasso escolar e reorganizar o ensino, o Estado está implantando o chamado "ciclo básico" — dois anos contínuos de estudo nos primeiros anos de escola, eliminando os tradicionais exames da primeira para a segunda série.

Experiências semelhantes já são desenvolvidas em São Paulo e Minas Gerais. A do Paraná, entretanto, é peculiar por prever a implantação do novo sistema por etapas, permitindo a preparação cuidadosa dos professores. No ano passado, o ciclo básico foi implantado em 32% das escolas da rede estadual de ensino. Este ano, em mais 30%, e a intenção é concluir a fase

de implantação do projeto até 1990.

Com o programa de ciclo básico — implantado juntamente com modificações no currículo e na própria postura do professor e da escola —, a Secretaria de Educação do Paraná espera controlar o primeiro grande "ponto de estrangulamento" do ensino de 1º grau: a primeira série, que apresenta o mais alto índice de evasão. O próximo passo é vencer o segundo ponto de estrangulamento, localizado na passagem da quarta para a quinta série.

Em Porto Alegre, Dorival Fleck, do Conselho Estadual de Educação, admite que não possui nenhum dado sobre o desempenho dos alunos secundaristas do Rio Grande do Sul, pois o serviço de inspeção da secretaria está desativado há três anos. Mas a especialista em Educação Esther Grossi, autora de vários estudos sobre o assunto e atual secretária da Educação, aparte alguns dados interessantes. Segundo ela, o ensino excessivamente livresco, "idealizado para uma burguesia do século passado", desvinculado do cotidiano e da prática do estudante, é um dos fatores responsáveis pela crise da educação.

crevem como falam (**cumadre/comadre**) e não seguem as regras mais elementares de acentuação (**sabiasabiá**). Fazem uso indiscriminado de maiúsculas e minúsculas e quase nunca utilizam maiúsculas em nomes próprios. Aqui em São Paulo constatou-se que as crianças pesquisadas na 3ª série não dominam perfeitamente as regras de ortografia e cometem erros que seriam justificáveis na 1ª e 2ª séries, encontrando constantes dificuldades em palavras com **rr**; nos ditongos e nas palavras com **m** antes do **b**. Ainda nesta série, os alunos nem sempre conseguem ler e compreender adequadamente os textos ou estabelecer a seqüência de fatos numa história. Erram frequentemente no emprego do plural, aumentativo, adjetivos e verbos.

De uma forma geral, as crianças do 1º grau das cidades pesquisadas demonstraram ausência de raciocínio lógico e falta de conhecimento das partes de uma oração. Alunos nesse estágio de aprendizagem apresentaram frases deste tipo: "A melada do bebê ficou boca" ou "Bebê ficou o doce de melada na boca" ou, ainda, "A melada ficou de doce a boca do bebê". A análise das provas revelou também graves problemas no emprego de artigos (o, a, os, as), na formação de plural e do feminino, na conjugação de verbos e em concordância — mesmo quando se trata de flexão simples, do tipo: "Os meninos jogas bola".

Caligrafia péssima

Como já havia sido constatado na 1ª série, os alunos da 3ª série também têm péssima caligrafia. Letra ilegível, mesmo, o que chegou a prejudicar a avaliação de algumas provas. Por outro lado, houve muita omissão de letras nas palavras, assim como sua troca (l por u, ç por s, s por z e s por ss).

Das provas de 5ª e 7ª série fez parte também uma redação, que depois de corrigida levou os pesquisadores a concluir que são estes os diferentes pontos onde há dificuldades: pontuação, uso de maiúscula e minúscula, acentuação, ortografia, divisão silábica, sintaxe, emprego de tempos verbais e uso de pronomes oblíquos. Apareceram redações de um só parágrafo, às vezes sem vírgulas, às vezes sem ponto final e com travessões indevidos. Chamaram a atenção algumas construções completamente estranhas: "Eu me sentia tão afeiçãoada ao cachorro..." (afeiçãoada); "...é um cachorro de raça nicei" (nissei?); "... porque quando nós vamo levar o seu trato...". E também frases inteiramente incompreensíveis, como neste caso: "O isdilinque dei indilincada na barrica pegei ele, cuitei, viz uma casinha melor comitá..."

Para Heraldo Marelim Vianna, todos esses erros são decorrentes de uma alfabetização falha, que não cumpriu seus objetivos. "O aluno que chega à 5ª ou 7ª série com estes problemas, na verdade os está arrastando desde a 1ª e 2ª séries do 1º grau. São problemas que não vão deixá-lo nunca mais se não forem enfrentados de cara", avalia Marelim, frisando que-se o governo pretende investir em Educação, "deve fazê-lo no 1º grau", investindo em gente, material didático, treinamento e reciclagem de professores. "Sabemos que o MEC investe somas enormes em Educação, mas é preciso refletir se o material produzido é bom, se os treinamentos que estão sendo dados são eficientes", comenta o pesquisador. Ele acha que não são, porque nem sempre dão ao professor o que ele realmente precisa: condições de entrar na sala de aula e ensinar seus alunos.

Rita de Blagio